

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDO E PESQUISA DO  
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO  
ANO XVI  
VOLUME 24  
NÚMERO 2  
(JAN-JUN)  
2016  
PP. 175-194.

**APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DIGITAL:  
A INTERNET NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2015**  
(NOTES ABOUT DIGITAL HISTORY: THE INTERNET AND THE HISTORY TEXTBOOKS IN BRAZIL)

LUYSE MORAES MOURA  
*Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe*  
luyse@getempo.org

DR. DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD  
*Professor de História da Universidade Federal de Sergipe*  
dilton@getempo.or

**RESUMO:** Este artigo refletirá sobre a incorporação de sítios eletrônicos em livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Médio. Nas primeiras décadas do século XXI, a popularização da Internet praticamente obrigou as editoras e os autores de livros didáticos a incorporarem às suas obras os sítios eletrônicos. Nossa investigação observa alguns dos aspectos em torno do caso brasileiro, sobretudo das obras aprovadas pelo PNLD 2015. No texto, refletimos acerca das possibilidades e dos problemas específicos enfrentados pelos historiadores que desejam investigar as tecnologias digitais ou fazer uso delas em seus estudos e na sala de aula. Apontamos a presença massiva da internet no cotidiano dos jovens e das escolas brasileiras e abordamos alguns desdobramentos daí resultantes.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Internet, Livro Didático, PNLD.

APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DIGITAL: A INTERNET NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2015,  
DE LUYSE MORAES MOURA E DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD

**ABSTRACT:** This research analyses the uses of the internet in Brazilian textbooks, specifically history textbooks. The focus is on the Brazilian governmental initiative PNLD (Programa Nacional do Livro de Didático, National Textbook Program), the biggest operation for buying books for students and teachers for elementary, primary k-12 and high school use, in the country's public schools. For this article, the 2015 edition is studied and, through that, the problems, risks and positive aspects are indicated. The paper put as a central question the new relationship between the digital generation and history teachers. Some aspects like accessibility, interactivity, uses of historical sources and of images on the links from the textbooks are analyzed. In this work, the main objective is to collaborate to think of the theoretical and the methodological resources of the internet in traditional history textbooks. As such, the text reflects on the potentialities of the internet on the teaching and learning of history.

**KEYWORDS:** History, Internet, Textbooks

### **LOG-ON: A INTERNET, O ENSINO DA HISTÓRIA E OS LIVROS DIDÁTICOS**

Neste artigo, apresentamos breves considerações sobre a incorporação de sítios eletrônicos em livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Nas primeiras décadas do século XXI, a popularização da Internet praticamente obrigou as editoras e os autores de livros didáticos a considerarem o potencial da rede mundial de computadores no processo de ensino-aprendizagem. Todavia, no caso do Brasil, como tem sido feito uso da Web? Se levamos em conta que o livro didático permanece ainda como o grande aliado – em alguns casos, o único – disponível ao professor brasileiro, questionar o que ele indica, assim como saber utilizá-lo adequadamente, é fundamental.

Selecionamos as obras aprovadas no PNLD pela amplitude deste Programa, que compreende uma das maiores iniciativas de compra de livros didáticos no mundo e uma das mais importantes linhas de ação do Estado brasileiro no campo da Educação (trata-se de um Programa de Estado, não de Governo). Assim, analisaremos a incorporação dos sítios eletrônicos em

obras que estão sendo autorizadas e adquiridas pelo Ministério da Educação (MEC) do Governo brasileiro para servirem de suporte a milhões de professores e alunos do país.

Desta maneira, esperamos contribuir para o debate sobre os influxos do mundo digital na educação histórica. E esta pesquisa nos parece relevante devido ao momento em que as ressonâncias da chamada década inclusiva se fazem perceber em distintas áreas. Cabe lembrar que o Brasil experimentou um boom de computadores e do acesso à internet nos anos 2000. Embora ainda estejamos longe de uma ampla inserção digital, os números são respeitáveis. Conforme o Comitê Gestor da Internet (CGI, [www.cgi.br](http://www.cgi.br)), temos o seguinte quadro: o Nordeste conta com 19% com computadores de mesa, 16% de computadores portáteis, e acesso à internet em torno de 27%. A região Sul apresenta nos mesmos campos os seguintes índices: 33%, 33%, 47% de acesso; enquanto o Sudeste 41%, 24%, 48%. Por outro lado, sabe-se que aproximadamente 83% dos navegantes entre 10 e 15 anos utilizam a internet com objetivos voltados para a educação. Sendo assim, como explicar tal distanciamento dos historiadores do debate sobre os desdobramentos daí resultantes?

Neste texto, trabalharemos com as obras

destinadas Ensino Médio, portanto, com livros que devem ser utilizados por alunos com a média de idade que vai dos 15 aos 17 anos. Isto implica lidar com um material a ser manipulado por aqueles que Marc Prensky chamou de “nativos digitais”, ou seja, por alunos que já nasceram em tempos de transformações tecnológicas marcantes (PRENSKY, 2012). Para estes adolescentes, telefones celulares, computadores diminutos, tablets e principalmente a comunicação via internet aparecem quase naturalizados.

Sendo assim, a investigação buscará relacionar a presença de sítios eletrônicos em livros didáticos constantes no Guia do Livro Didático PNLD 2015 – Ensino Médio, considerando as suas possibilidades de aplicação no ensino de História. Neste contexto, interessa observar não apenas a inserção de endereços, mas a sintonia de links com os conteúdos abordados, os usos possíveis dos sites indicados e o suporte oferecido, sobretudo ao professor, para que o uso da internet seja realizado de modo satisfatório.

#### **O OFÍCIO DO HISTORIADOR EM TEMPOS DE INTERNET**

A chegada da internet marcou um tempo em que

a experiência tecnológica passou a ser pensada como um fator determinante das vivências sociais (FELINTO, 2004). Como explicou Manuel Castells, políticas governamentais, campanhas publicitárias, economias e atividades culturais passaram a ser pensadas a partir de sua inserção na internet. Conseqüentemente, “ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura” (CASTELLS, 2003, p.11). De igual maneira, excluir o ciberespaço de nossas preocupações significa nos distanciarmos das práticas culturais contemporâneas, fundamentais para exercermos nossos ofícios. Ao contrário, acreditamos que a partir do ciberespaço, deve-se não apenas identificar aquilo que é representado, mas também considerar o comportamento e as possíveis “fabricações” dos frequentadores da rede mundial de computadores, sendo fundamental refletir sobre as práticas sociais ali elaboradas, tal como propôs Michel de Certeau (1994, p.34).

Além disto, a internet e as tecnologias digitais também adquiriram posição privilegiada na área educacional, passando a ser consideradas como potencializadoras dos processos de ensino-

aprendizagem. A chamada rede mundial de computadores tornou-se “um espaço importante para a produção de suportes pedagógicos” (MAYNARD, 2011, p.49).

Até mesmo a disciplina História começou a se modificar com a emergência e difusão da web. Nos dias atuais, quase todos os historiadores consideram o computador como um equipamento básico; professores preparam slides no PowerPoint para as suas aulas de história; mensagens de e-mail ampliaram os círculos de comunicação e debate entre profissionais da história, acadêmicos e entusiastas amadores. Além disso, até o ano de 2005, já estavam listados na web cerca de 32.959 sites de história (COHEN, ROSENZWEIG, 2005). É válido destacar também que a maioria dos arquivos históricos, museus e sociedades históricas têm seu próprio site. Para Daniel Cohen e Roy Rosenzweig (2005), as novas mídias e tecnologias digitais têm desafiado os profissionais da história e da educação a repensarem as maneiras como pesquisam, escrevem e ensinam sobre o passado.

Na última década do século XX, Clarice Nunes e Marta Maria C. de Carvalho anunciaram que a presença e a disseminação da tecnologia nas sociedades colocariam novas questões para a pesquisa e

inaugurariam novas maneiras do historiador trabalhar com os documentos. Nesse sentido, as autoras afirmaram que “os documentos neste final de século passam a ser armazenados em bancos de dados e a exigir dos historiadores o domínio de novos conhecimentos” (NUNES, CARVALHO, 1993, p.34).

De fato, nos anos seguintes a essa afirmação, diversos dispositivos tecnológicos (computadores, pendrives, Hard Disks, cartões de memória etc.) possibilitaram o armazenamento de grandes quantidades de dados e a digitalização de diversas fontes históricas. A internet, por sua vez, permitiu que os acervos digitalizados fossem publicados e disponibilizados a um grande número de pessoas. A Biblioteca Nacional Digital (<http://bndigital.bn.br/>), o Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN) (<http://www.an.gov.br/sian/inicial.asp>), ambos brasileiros, e a Biblioteca Digital Mundial da UNESCO (<http://www.wdl.org/pt/>) são alguns exemplos de instituições que reuniram e publicaram na web um gigantesco número de documentos digitalizados. Sobre esse aspecto, Maynard e Delgado observam que:

ao disponibilizar documentos e a sua troca, ao facilitar o tráfego de informações em formato

digital e, ao mesmo tempo, produzir incessantemente mais registros, a internet promoveu uma quebra de hierarquia. Consequentemente, hoje é possível fazer história da Guerra Fria sem ir a Berlim (MAYNARD, DELGADO, 2015, p.584).

Da mesma maneira, o historiador Roger Chartier defende que a chegada da era digital impôs mudanças à História e ao ofício do historiador. Segundo Chartier, a textualidade eletrônica resultou no surgimento de novas modalidades de construção, publicação e recepção dos discursos históricos. Em seu livro, *A história ou a leitura do tempo* (2009), o autor afirma que: “a textualidade eletrônica de fato transforma a maneira de organizar as argumentações, históricas ou não, e os critérios que podem mobilizar um leitor para aceitá-las ou rejeitá-las” (CHARTIER, 2009. p.59).

Em sua argumentação, Chartier destaca que no mundo da textualidade digital o leitor pode ter acesso aos documentos, às referências e às citações utilizadas pelo historiador. Em contrapartida, no mundo dos impressos, “um livro de história supõe um pacto de confiança entre o historiador e o leitor” (CHARTIER, 2009. p.60). Isso porque as notas apresentadas no livro

remetem a documentos que o leitor, geralmente, não poderá ler. As referências bibliográficas indicam obras que, na maioria das vezes, só poderiam ser encontradas em bibliotecas especializadas. As citações são fragmentos recortados pelo historiador, sem possibilidade, para aquele que lê, de conhecer a íntegra dos textos de onde foram extraídas as citações. Diante disso, Chartier afirma: “a versão eletrônica oferece ao leitor o que o impresso não pode lhe dar” (2009, p.61).

Acrescentamos às considerações elencadas acima que a internet, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e suas utilizações no mundo contemporâneo são um campo amplo para investigações. Nesse contexto, entendemos que sítios eletrônicos – como redes sociais, blogs, sites de periódicos, bibliotecas, museus e universidades –, jogos virtuais, enciclopédias eletrônicas, livros e documentos digitais são exemplos de materiais que podem ser utilizados como *fontes digitais* para pesquisa e ensino na área da História.

A respeito disso, a pesquisadora Michele Rossoni Rosa afirma: “do mesmo modo que alguns historiadores se dirigem aos arquivos físicos para obter material inédito na pesquisa acadêmica, atualmente, a Internet também pode propiciar essa experiência” (ROSA, 2011,

p.14). Por sua vez, em *Escritos sobre história e internet* (2011), Dilton Maynard reflete sobre a necessidade do historiador lidar com fontes digitais. Maynard discute temas como a história da internet, a incorporação de sítios eletrônicos em propostas pedagógicas e livros didáticos, e a utilização da internet por movimentos políticos de extrema-direita.

Sem dúvida, a internet e a disseminação de dispositivos tecnológicos impulsionaram mudanças no ofício do historiador. Tais recursos podem ser utilizados como objetos de estudo ou ferramentas que contribuam para o desenvolvimento de uma pesquisa. Entretanto, antes disso, é necessário avaliarmos de maneira crítica de que forma computadores, redes e mídias digitais *são e não são* úteis para os historiadores. É necessário conhecermos as vantagens e desvantagens do mundo digital. Suas promessas e os desafios que se impõem. E, para tratarmos desse assunto, utilizaremos como referência o texto *Promises and Perils of Digital History* (2005), de Daniel Cohen e Roy Rosenzweig.

#### **SOBRE PROMESSAS E PERIGOS DA PESQUISA HISTÓRICA NA ERA DIGITAL**

No ano de 2005, os historiadores Daniel Cohen e Roy Rosenzweig publicaram o livro *Digital History: a guide to gathering, preserving and presenting the past on the Web*. Essa obra buscou promover um debate sobre como as transformações trazidas pela internet se manifestam no campo da história. Seus autores destacam que para se fazer *História Digital* é necessário estar consciente das vantagens e desvantagens da tecnologia, e de como maximizar as primeiras, minimizando as últimas. Por isso, o livro centra-se nas possibilidades e problemas específicos enfrentados pelos historiadores que desejam adentrar neste novo campo. Nesse capítulo, utilizaremos o texto introdutório da obra – intitulado *Promises and Perils of Digital History* – como referência para analisarmos brevemente algumas vantagens e desvantagens das redes e mídias digitais.

A primeira vantagem da mídia digital para o historiador é a *capacidade de armazenamento*. Mídias digitais podem condensar quantidades sem precedentes de dados em pequenos espaços. Nesse sentido, os autores argumentam: “porque os historiadores amam dados e fontes de arquivo, têm grande interesse nessa capacidade de condensar grandes quantidades de dados em pequenas

quantidades de espaço”, escrevem Cohen e Rosenzweig (2005, p.3, tradução nossa).

A capacidade de armazenamento dos meios digitais seria de menor interesse sem uma segunda e ainda mais importante vantagem: *acessibilidade*. Essa qualidade deriva do surgimento de redes de computadores que podem quase instantaneamente enviar informações para todo o mundo. A internet possibilita aos historiadores várias audiências, formas de alcançar diversos públicos – professores, alunos, acadêmicos – de forma muito mais fácil e barata. Sabe-se que a “acessibilidade online significa, além disso, que o registro documental do passado é aberto para pessoas que raramente teriam acesso antes” (COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.4, tradução nossa).

A terceira vantagem da mídia digital é responsável por tornar o passado muito mais acessível e rico: *flexibilidade*. Afinal de contas, a linguagem digital pode assumir diversas formas, ou seja, podemos organizar os bits em textos, imagens, sons e imagens em movimento. Desse modo, podemos mais facilmente preservar, estudar e apresentar o passado em vários meios de comunicação que combinam sons, imagens, imagens em movimento e palavras.

Estas primeiras três qualidades são descritas por

Cohen e Rosenzweig como “vantagens quantitativas”, isto é, podem fazer mais, chegar a mais pessoas, armazenar mais dados, dar aos leitores acesso às fontes mais variadas. Outras qualidades são apontadas como “expressivas”, pois possibilitam que história digital faça algo diferente. Dentre essas, está a *manipulabilidade* de mídia digital, apresentada como a possibilidade de manipulação de dados históricos com ferramentas eletrônicas, como forma de encontrar coisas que antes não eram evidentes – a exemplo da capacidade de pesquisar palavras específicas em grandes quantidades de texto; ou a capacidade de ver coisas novas em imagens históricas através do uso de ferramentas de software para “deformar” imagens e ver nelas elementos previamente perdidos.

Os veículos digitais diferem de outros meios de comunicação mais antigos na sua *interatividade*. A web é, ao contrário da televisão aberta, um meio de duas vias, em que cada ponto de consumo também pode ser um ponto de produção. Esta interatividade permite múltiplas formas de diálogo histórico entre os profissionais, entre profissionais e não-profissionais, entre professores e alunos, entre alunos, entre pessoas lembrando o passado. Formas de diálogo que poderiam ser possíveis antes, mas que ocorrem de



forma mais rica e mais intensa no meio digital. A internet tornou-se para os historiadores um lugar para novas formas de colaboração, novos modos de debate, e novos modos de recolhimento de fontes sobre o passado.

Finalmente, observamos a *hipertextualidade*, ou não-linearidade de mídia digital: a facilidade de se mover através de narrativas ou dados de formas não-direcionadas e múltiplas. A hipertextualidade descentraliza narrativas tradicionais de forma benéfica. “O hipertexto enfatiza que o marginal tem tanto para oferecer como central” (COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.8, tradução nossa).

Apesar de não negar as qualidades das mídias digitais, os autores apresentam algumas ressalvas. Nesse sentido, argumentam que “alguns dos bens positivos que a história online está trazendo para nossos desktops são acompanhados por riscos graves e perigos” (COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.8, tradução nossa).

Por exemplo, os problemas de *qualidade* e de autenticidade emergem também dentro do ambiente virtual. De fato, pode-se encontrar muita história imprecisa na internet. Mas os autores advertem: “a falsificação antecede a web, e a web também oferece evidências cruciais sobre as origens da falsificação”

(COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.9, tradução nossa).

A flexibilidade de dados digitais também apresenta um aparente perigo: a *ausência de durabilidade*. A preservação de arquivos históricos não é um problema novo para o historiador, mas a era digital o obrigou a reconsiderar questões fundamentais sobre o que deve ser preservado e quem deve preservá-lo.

O problema da *legibilidade* – as dificuldades para ler em uma tela – também permeiam o espaço virtual. Sobre este aspecto é válido destacar que ainda existe uma profunda brecha entre a presença massiva da textualidade eletrônica e a realidade das práticas de leitura. Segundo Roger Chartier, os leitores permanecem, em grande medida, apegados “aos objetos impressos que não exploram senão parcialmente as possibilidades oferecidas pelo digital” (2009, p.63).

Os entusiastas da era digital defendem que o ambiente *online* é mais interativo do que uma mídia passiva como a televisão. Contudo, é necessário observar que a tecnologia digital também pode promover ela mesma uma *passividade*:

Os esforços para criar projetos de história interativa, por vezes, tornam-se quixotescos

quando os produtores enfrentam o fato de que os computadores são bons em 'sim e não' e 'certo e errado', enquanto historiadores preferem palavras como 'talvez' e 'é mais complicado do que isso'. Assim, a forma mais comum de interatividade histórica sobre a web é o teste de múltipla escolha (COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.12, tradução nossa).

Um problema mais grave em mídia digital, que contraria sua vantagem de acessibilidade, é o real potencial de *inacessibilidade e de monopólio*. Até 2005, dois terços das pessoas no mundo não tinham acesso a telefones e muito menos à rede. Além disso, mesmo que mais e mais pessoas adquiram computadores e acesso à internet, elas não adquirirão simultaneamente as habilidades para encontrar e fazer uso efetivo dessa nova ferramenta. Outra preocupação decorre mais da produção do que do consumo. “Será que historiadores amadores e acadêmicos serão capazes de competir com os bem operados e financiados comerciais do History Channel, para a atenção na Net?” (COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.12, tradução nossa).

Para Daniel Cohen e Roy Rosenzweig, tais questões e preocupações não devem ser motivos de desespero. Em vez disso, devem incitar os historiadores

a sentar na frente de seus computadores e começar a trabalhar. “Os historiadores precisam enfrentar os problemas de qualidade, legibilidade, durabilidade, passividade e inacessibilidade; e participar ativamente da criação e consolidação da história digital no presente” (COHEN, ROSENZWEIG, 2005, p.15, tradução nossa).

#### ENTRE NATIVOS E IMIGRANTES: A EDUCAÇÃO NA ERA DIGITAL

A difusão de redes e mídias digitais – sobretudo a internet – impulsionou mudanças no ofício do historiador. Novas fontes, ferramentas e abordagens foram incorporadas à pesquisa histórica. Por sua vez, os historiadores que desejam estudar as tecnologias digitais, ou fazer uso delas em suas pesquisas, devem estar cientes das possibilidades e dos problemas específicos a serem enfrentados.

Destacamos que a chamada *era digital* também provocou transformações no campo educacional. Nesse sentido, diante do espaço adquirido pela internet e outras tecnologias na contemporaneidade, cresce a necessidade de professores e alunos lidarem com ferramentas eletrônicas. Especificamente na área da história, as TICs têm desafiado professores a

repensarem as maneiras como ensinam sobre o passado.

As tentativas de compreender as influências do mundo digital na educação histórica, devem considerar a relação que envolve alunos e professores, os leitores e usuários dos livros didáticos. Para Maynard e Delgado, “o convívio entre estes dois polos, quando necessita considerar o universo digital, não raras as vezes pode se tornar assimétrico: alunos digitais parecem desafiar professores analógicos” (2015, p.586).

Nas últimas décadas, houve uma mudança radical no perfil dos alunos da educação básica. Segundo o educador norte-americano, Mark Prensky, “os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado” (PRENSKY, 2001, p.1). Isso porque eles não mudaram apenas suas gírias, roupas, ou estilos, como aconteceu entre as gerações anteriores. Ocorreu uma grande descontinuidade (ou singularidade) – um evento no qual as coisas são tão mudadas que não há volta. Esta chamada “singularidade” foi chegada e a rápida difusão da tecnologia digital nas últimas décadas do século XX.

Os alunos de hoje representam as primeiras gerações que cresceram cercados por computadores, videogames, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos

e ferramentas eletrônicas. Sendo assim, “os jogos de computadores, e-mail, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas” (PRENSKY, 2001, p.1). Como resultado desta significativa interação com a tecnologia, os alunos de hoje pensam e processam as informações de forma diferente das gerações anteriores.

Prensky chama esses alunos de *nativos digitais*, isto é, jovens que já nasceram em tempos de transformações tecnológicas marcantes (PRENSKY, 2012). Para estes meninos e meninas, telefones celulares, computadores, tablets e principalmente a comunicação via internet surgem quase naturalizados.

Por outro lado, os professores, isto é, aqueles que nasceram antes da popularização da internet são chamados por Prensky de *imigrantes digitais*. Os imigrantes precisam se adaptar à realidade das novas tecnologias. Se para os nativos a tecnologia é algo natural em seu dia a dia, para os imigrantes ela é um desafio com diferentes níveis de dificuldade. Desse modo, ensinar a essa geração de nativos digitais é um imenso desafio para a maioria dos professores.

Um dos grandes problemas que a educação tem enfrentado nas últimas décadas é que os professores (imigrantes digitais) usam uma linguagem ultrapassada

(da era pré-digital), e estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova. Nesse sentido, Prensky argumenta:

Os Nativos Digitais estão acostumados a receber informações muito rapidamente. Eles gostam de processar mais de uma coisa por vez e realizar múltiplas tarefas. Eles preferem os seus gráficos antes do texto ao invés do oposto. Eles preferem acesso aleatório (como hipertexto). Eles trabalham melhor quando ligados a uma rede de contatos. Eles têm sucesso com gratificações instantâneas e recompensas frequentes. Eles preferem jogos a trabalhar “sério”. (Isto lhe parece familiar?). Mas os Imigrantes Digitais tipicamente têm pouca apreciação por estas novas habilidades que os Nativos adquiriram e aperfeiçoaram através de anos de interação e prática. Estas habilidades são quase totalmente estrangeiras aos Imigrantes, que aprenderam – e escolhem ensinar – vagarosamente, passo a passo, uma coisa de cada vez, individualmente, e acima de tudo, seriamente. (PRENSKY, 2001, p.2-3)

Diante desse impasse, o que deveria acontecer? Os estudantes deveriam aprender as velhas formas, ou os educadores deveriam aprender as novas? Prensky

afirma que é bem improvável que os nativos digitais regridam. Para o autor, “as crianças nascidas em qualquer nova cultura aprendem a nova linguagem facilmente, e resistem com vigor em usar a velha” (PRENSKY, 2001, p.3). Os professores, por sua vez, podem aprender a se comunicar na língua de seus alunos. É válido observar que isso não significa mudar o significado do que é importante, ou das boas habilidades de pensamento. Mas significa ir mais rápido, menos passo a passo, mais em paralelo, com mais acesso aleatório, entre outras coisas.

É preciso ter em vista que as novas tecnologias operaram uma transformação no modo de percepção e aprendizagem das novas gerações, fazendo emergir outras formas de sensibilidade que só podem ser contempladas pela mediação tecnológica (MAYNARD, SILVA, 2012). Assim, os mecanismos virtuais que permeiam intensamente o cotidiano dos jovens devem ser entendidos pelos professores como instrumentos com um potencial pedagógico a ser explorado de forma criativa em sua práxis educacional. Nas palavras de Silva e Maynard, “cabe à educação se adequar aos códigos culturais utilizados entre as novas gerações” (MAYNARD, SILVA, 2012, p.249). Um grande exemplo de como a educação tem buscado se adequar às

tecnologias usadas pelas novas gerações é a inserção de sites e objetos digitais em livros didáticos de História aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

#### **PNLD: O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA EM TEMPOS DE INTERNET**

O PNLD é uma iniciativa do Estado brasileiro direcionada à aquisição e à distribuição de livros didáticos a alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas públicas. O PNLD tem por objetivo prover as escolas públicas com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários.

Através de sua ação, centenas de milhões de exemplares de livros didáticos são distribuídos, gratuitamente, para as escolas públicas de todas as regiões brasileiras (FREITAS, 2007). Atualmente, o PNLD é o segundo maior programa de distribuição de livros do mundo, ficando atrás apenas do programa chinês.

O programa está sob a responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) e é gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Entre os seus princípios, estão a livre participação das editoras e a liberdade de escolha dos

professores. Para garantir a qualidade e a correção dos livros adquiridos, o MEC avalia o conteúdo e a proposta pedagógica das obras que participam do PNLD.

Atualmente, a execução do PNLD compreende várias etapas: a adesão das escolas ao programa, o lançamento do edital; a inscrição das editoras; a triagem dos materiais; a avaliação dos livros; a publicação do Guia do Livro Didático e a escolha das obras pelos professores; a aquisição dos exemplares após um processo de negociação com as editoras; e a distribuição dos livros sob a tutela do FNDE.

Nesse contexto, destacamos o relatório TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) Educação 2012 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI). Segundo esse relatório, 62% dos alunos das escolas públicas possuem computador em casa e 54% possuem acesso à internet (CGI, 2012, p. 172). Ainda de acordo com o documento, 91% dos estudantes brasileiros da rede pública já utilizou a internet em um dado momento da vida. Mesmo que não tenham acesso a web em suas residências, procuram o contato por outras vias como: nas escolas (9%), nas *lanhouses* (14%) ou nas casas de terceiros (13%) (Ibidem, p. 173). Esses dados evidenciam como as redes e mídias digitais estão imersas na vida destes jovens.

No caso específico da disciplina História, pôde-se observar um crescente agenciamento de sites nos livros didáticos. Contudo, isso não resultou de uma determinação do MEC, pois não havia critérios de avaliação das páginas eletrônicas presentes nos Editais do PNLD, até então publicados. Sendo assim, a inserção de sites como recursos didáticos foi “uma iniciativa das editoras e/ou dos autores, provavelmente para atender a demanda dos consumidores – professores e alunos” (MAYNARD, DELGADO, 2015, p.592).

Na edição do PNLD 2015 (destinada ao Ensino Médio), diversas obras de História apresentaram indicações de páginas eletrônicas. A coleção **História Sociedade & Cidadania** (Editora FTD) é um exemplo disso. É válido pontuar que essa coleção foi a mais distribuída pelo edital do PNLD 2015. Cerca de 1.385.765 exemplares foram adquiridos e levados a escolas todas as regiões do país.

Um grande número de sites foi indicado nos três volumes da obra, a saber: 149 sites no volume do 1º ano, 146 no volume do 2º ano e 195 no volume do 3º ano, resultando em um total de 490 sites. Dentre todos os sites apresentados na coleção, 403 estavam disponíveis para acesso. Os 87 restantes encontravam-se indisponíveis, isto é, haviam sido retirados de circulação

na internet. Esse dado evidencia uma característica própria da rede mundial de computadores: a velocidade na qual transitam as informações. Nesse sentido, diversas páginas virtuais podem ser criadas ou retiradas de circulação na rapidez de um clique.

A respeito disso, o Guia do Livro Didático 2015 alerta que o uso das páginas virtuais sugeridas nas coleções deve “ser feito com reserva, devido à eventual indisponibilidade de acesso e funcionamento dos sites, sendo recomendável uma verificação prévia” (BRASIL, 2014, p.85).

Os sites dessa coleção foram dispostos no decorrer dos capítulos, de forma paralela aos conteúdos, sendo indicados como uma referência complementar ao texto base. Também foram apresentados como fontes nas atividades finais de cada capítulo, que auxiliariam o aluno na pesquisa e no desenvolvimento de pequenos textos sobre os conteúdos.

Sobre a tipologia dos sites indicados, observamos uma predominância de links de acesso a redes sociais, que permitem a visualização e o compartilhamento de vídeos (You Tube). Dentre os 403 sites disponíveis para acesso, 345 são páginas do YouTube. Sendo assim, cerca de 85% dos endereços eletrônicos indicados é dessa natureza. Além de redes sociais, também são indicados

sites de periódicos, museus, universidades, bibliotecas, páginas governamentais, portais e enciclopédias eletrônicas.

Assim como a primeira, a segunda coleção mais distribuída no PNLD 2015, *História Global – Brasil e Geral* (Editora Saraiva) também conta com a presença de sites em seus livros. 149 endereços eletrônicos foram indicados: 55 no volume do 1º ano, 49 no volume do 2º ano e 45 no volume do 3º ano. Dos sites apresentados, 131 estavam disponíveis para acesso e 18 já haviam sido retirados de circulação.

Os sites que aparecem na coleção apresentam uma grande diversidade tipológica. Nesse sentido, foram indicados em todos os volumes redes sociais, sites de periódicos, museus, universidades, grupos de pesquisa, bibliotecas, páginas governamentais, portais, buscadores, links para arquivos em PDF, enciclopédias eletrônicas e páginas que oferecem visitas virtuais a lugares históricos.

É necessário destacar, ainda, algumas limitações apresentadas pelas duas coleções em relação a indicação dos sites. Algumas páginas sugeridas nos manuais didáticos, por exemplo, são exibidas em idiomas estrangeiros (inglês, espanhol, francês e italiano) e não apresentam legendas em português. Isso

prejudica o entendimento do conteúdo dos sítios eletrônicos por parte dos discentes, considerando que esses (em regra) não possuem o domínio pleno de todos esses idiomas.

Além disso, também foi possível observar a indicação de sites que continham informações equivocadas sobre fatos históricos ou disseminavam estereótipos preconceituosos sobre determinados grupos sociais. Um outro problema das coleções em relação aos sítios eletrônicos é a ausência de descrições dos sites, orientações no livro do aluno sobre como os discentes podem usá-los, e explicações que evidenciem o diálogo entre os links e os conteúdos dos capítulos. Em muitos casos, apenas são indicados os títulos dos sites e seus respectivos endereços eletrônicos.

Sobre esse assunto, o Guia do PNLD 2011 traz a seguinte argumentação:

Cada vez mais Autoria e editoras têm se concentrado na pesquisa de suportes adicionais de leitura para os estudantes e, nesse contexto, é notável o crescimento do interesse pela indicação de sítios na internet como leitura complementar. Contudo, esse ainda é um tema a ser enfrentado metodologicamente, visto que não só ainda há notável carência quanto às

orientações necessárias sobre a problematização própria da História para uso desses sítios, como há problemas de toda ordem em relação ao que é informado. Especificamente no caso das coleções de História, é evidente um manejo ainda descuidado das inúmeras páginas eletrônicas (BRASIL, 2011, 2010b, p. 22).

Considerando tais apontamentos, torna-se evidente que os consumos dos sites realizados pelos jovens ainda são “um desafio e se mostra como algo incompreendido por muitos governos e educadores” (MAYNARD, DELGADO, 2015, p.586). E, diante disso, mostra-se relevante o desenvolvimento pesquisas acadêmicas que investiguem a incorporação e os usos de sites e outros objetos educacionais digitais em livros didáticos de História.

#### **LOG-OFF: À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho buscou contribuir para o debate sobre os influxos do mundo digital na educação histórica. Nesse sentido, objetivamos compreender de que formas as ferramentas eletrônicas e mídias digitais

– que predominam na vivência cotidiana dos jovens – podem ser utilizadas por alunos e professores como instrumentos de grande potencial pedagógico.

Portanto, ao voltarmos a atenção para o “elefante” que despreocupado caminha por nossas salas de jantar, mas também por nossas salas de aula, precisamos atentar para a ampla inserção do mundo digital no cotidiano dos jovens que também ocupam tais espaços. Fenômenos recentes, como os chamados “rolezinhos” evidenciam que não apenas jovens de famílias com alto poder aquisitivo podem utilizar a rede de modo diferenciado (DELGADO & MAYNARD, 2015; HOEHNE, 2014). Os consumos dos sites realizados pelos jovens ainda é um desafio e se mostra como algo incompreendido por muitos governos e educadores.

Uma pergunta fundamental a ser feita é: os conteúdos dialogam satisfatoriamente com aquilo que se pretende abordar em classe? Muitas vezes, ficamos empolgados com bons sites que oferecem uma imensidão de informações. Porém, não é disso que o aluno precisa, mas de páginas que contribuam adequadamente para o seu desenvolvimento. De nada adiantará deixar o estudante sem saber por onde poderá começar sua navegação. Por isto, é importante ao professor ser ele mesmo um usuário antecipado das



páginas, verificando as possibilidades pedagógicas de uso, observando as fontes utilizadas pelo site. Não são poucas aquelas que simplesmente reproduzem os conteúdos dos livros didáticos, apenas alterando a ordem ou qualidade das imagens e mapas.

Cabe ressaltar que, apesar dos trabalhos utilizados como referências nesta pesquisa, ainda há, no Brasil, uma carência de estudos que relacionem História, Educação, livros didáticos e a Internet. Sendo assim, a inserção de sítios eletrônicos e objetos digitais em materiais didáticos de História são um campo amplo para investigações que ainda não foram explorados em sua totalidade.

Longe de ser apenas uma versão eletrônica da página de um livro, uma mera reprodução de um texto impresso e desatualizado, uma página da Internet deve se mostrar integrada aos conteúdos abordados pelo livro do aluno e, ao mesmo tempo, deverá ser amparada pelo Manual do Professor quanto ao seu potencial de uso, além de possibilitar o máximo de opções de interatividade. Deste modo, é importante avaliar como as páginas são incorporadas a cada livro didático, se seu uso ambiciona realmente uma ampliação na abordagem, se este ou aquele site é um aliado ou, por suas características ou pela forma com que é apresentado,

um obstáculo à construção do conhecimento histórico.

## REFERÊNCIAS

### Documentos oficiais

BRASIL Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia do Livro Didático PNLD 2015 – História**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2014.

BRASIL Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2011 – História**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010b.

### Sites oficiais consultados

Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) – <http://www.cgi.br>

Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) – <http://www.fnde.gov.br/>

Ministério da Educação (MEC) – <http://www.mec.gov.br>

### Artigos e livros

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRESCIANO, Juan Andrés. **I historiador y las fuentes eletrônicas. Nuevos horizontes para La crítica heurística en siglo XXI**. <[http://WWW.h-debate.com/Sesión 15/05/08 Seminario “on line”](http://WWW.h-debate.com/Sesión_15/05/08_Seminario_“on_line”>)> acesso 12 dez. 2008.

CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os métodos da História: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983. (Col. Biblioteca de História, 5)

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. CARDOSO, Ciro Flamarion;

VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CARR, Nicholas. **The Bookless Libray**. BROCKMAN, John. **Is the internet changing the way you think?** New York: Harper Perennial, 2011.p.1-3

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre**

**a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: artes do fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

COHEN, Daniel; ROSENZWEIG, Roy. Promises and Perils of Digital History. In: COHEN, Daniel; ROSENZWEIG, Roy. **Digital History: a guide to gathering, preserving and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005. p.1-17.

FELINTO, Erick. **Os computadores também sonham? Para uma teoria da Cibercultura como imaginário**. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n.15, p. 1 – 15. Julho/Dezembro 2006.

FREITAS, Itamar. A ação do PNLD em Sergipe e a escolha do livro didático de História (2005/2007). In: OLIVEIRA, Margarida Maria; STAMATTO, Maria Inês. **O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: Editora da UFRN, 2007, p. 53-59.

HOEHNE, Leandro. **O buraco sem fundo do “role”**. Le Monde Diplomatique Brasil. Fevereiro de 2014.p.5

MAYNARD, Dilton; DELGADO, Andréa Ferreira. **O elefante na sala de aula: usos de sites nos livros didáticos de História do PNLD 2012**. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 32, n. 2, maio/ago de 2015, p.581-613.

MAYNARD, Dilton; SILVA, Marcos. **E-storia**. Revista Eletrônica História Hoje, v. 1, no 2, 2012, p.249-252. Disponível em: <<http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/article/view/9>>. Acesso em 04 de outubro de 2014.

MAYNARD, Dilton. **Escritos sobre História e Internet**. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Historiografia da educação e fontes**. In: Cadernos ANPED. Belo Horizonte, 1993 (5). p.7-64.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. NCB University Press, 2007.

PRENSKY, Max. **Aprendizagem baseada em jogos digitais**. São Paulo: SENAC, 2012.

ROSA, Michele Rossoni. **Educação histórica, fontes**

**históricas e novas tecnologias: descompassos e possibilidades**. In: Revista Àgora (ISSN 2175-3792). Porto Alegre: no 2, 2011. p.13-24.

ROSENZWEIG, Roy. **Clio Wired: the future on the past in the digital age**. New York: Columbia University Press, 2011.

ROSENZWEIG, Roy. **Wizards, Bureaucrats, Warriors & Hackers: Writing the History of the Internet**. Disponível on line em: <<http://chnm.gmu.edu/resources/essays/d/25>> acesso em 15/03/2006.

SMITH, Carl. **Can You Do Serious History on the Web?** Disponível on line em: <http://chnm.gmu.edu/resources/essays/essay.php?id=12>. Acesso em 18/06/2009.

WELLER, Toni (orgs). **History in the Digital Age**. New York: Routledge, 2013.

APONTAMENTOS SOBRE HISTÓRIA DIGITAL: A INTERNET NOS LIVROS DIDÁTICOS DO PNLD 2015,  
DE LUYSE MORAES MOURA E DILTON CÂNDIDO SANTOS MAYNARD

Recebido em: 21/06/2016

Aprovado em: 01/07/2016

Publicado em: 06/08/2016

194